



Psicologia em Estudo

ISSN: 1413-7372

revpsi@uem.br

Universidade Estadual de Maringá  
Brasil

Aló de Moraes, Cleber José; Marques Granato, Tania Mara  
TORNANDO-SE PAI: UMAREVISÃO INTEGRATIVADA LITERATURA SOBRE A  
TRANSIÇÃO PARA A PATERNIDADE  
Psicologia em Estudo, vol. 21, núm. 4, outubro-diciembre, 2016, pp. 557-567  
Universidade Estadual de Maringá  
Maringá, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=287149565003>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica  
Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal  
Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

---

## TORNANDO-SE PAI: UMA REVISÃO INTEGRATIVA DA LITERATURA SOBRE A TRANSIÇÃO PARA A PATERNIDADE<sup>1</sup>

Cleber José Aló de Moraes<sup>2</sup>

Tania Mara Marques Granato

*Pontifícia Universidade Católica de Campinas - PUC-Campinas, Brasil.*

**RESUMO.** Este estudo tem como objetivo realizar uma revisão integrativa de artigos nacionais e internacionais sobre o tema da transição para a paternidade publicados entre 2006 e 2014. Foram consultadas as bases de dados EBSCO, PsycINFO, SciELO Regional e PEPSIC, resultando em 25 artigos indexados, que foram analisados em relação ao ano de publicação, país, metodologia, temática e resultados. Os resultados foram agrupados em quatro grandes grupos, intitulados: "o pai consigo mesmo", "o pai, a mãe e o bebê", "o pai e a rede de apoio formal" e "o pai, o trabalho e a sociedade". No grupo, "o pai consigo mesmo", destaca-se a vivência da paternidade como uma revolução interna, acompanhada de intensa sobrecarga emocional, ambivalência, solidão e idealização da relação pai-bebê. No grupo, "o pai, a mãe e o bebê", percebe-se uma intensa transformação na vida conjugal, no qual o pai tende a ser mais ativo na relação com o bebê, porém modulado pela presença materna. No grupo "o pai, o trabalho e a sociedade", percebemos a falta de preparo dos profissionais para lidar com as demandas paternas, bem como a inexistência de políticas sociais e de saúde voltadas à relação pai-bebê. No grupo "o pai, o trabalho e a sociedade", destacamos o uso de redes informais de apoio e o surgimento de modelos horizontais de identificação paterna. Foram discutidos tendências e hiatos nas pesquisas atuais no campo da transição para a paternidade, no sentido da constituição de um novo pai.

**Palavras-chave:** Paternidade; revisão de literatura; contemporaneidade.

## BECOMING A FATHER: AN INTEGRATIVE REVIEW OF THE LITERATURE ON TRANSITION TO FATHERHOOD

**ABSTRACT.** This study aims to conduct an integrative review of national and international articles on the subject of the transition to fatherhood published between 2006 and 2014. EBSCO, PsycINFO, SciELO Regional and PEPSIC databases were consulted resulting in 25 indexed articles, which were analyzed in relation to year of publication, country, methodology, thematic and results. The findings were grouped in four major groups, entitled: "the father with himself", "the father, the mother and the baby", "the father and formal support network" and "the father, the work and the society". In the group "the father with himself", there is fatherhood experience as an internal revolution, accompanied by intense emotional overload, ambivalence, solitude and idealization of the parent-child relationship. In the group "the father, the mother and the baby" is perceived an intense transformation in married life, where the father tends to be more active in relation to the baby, but modulated by the maternal presence. In the group "the father, and the formal support network", we see the lack of preparation of professionals to deal with parental demands, and the absence of social and health policies for the parent-child relationship. In the group "the father, the work and the society", we highlight the use of informal support networks and the emergence of horizontal patterns of paternal identification. We discussed the main trends and gaps in the research on transition to fatherhood, towards the constitution of a new father.

**Keywords:** Paternity; literature review; contemporary.

## CONVERTIRSE EN PADRE: UNA REVISIÓN INTEGRADORA DE LA LITERATURA SOBRE LA TRANSICIÓN A LA PATERNIDAD

---

<sup>1</sup> *Apoio e financiamento:* Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

<sup>2</sup> *E-mail:* cmoraes13@hotmail.com

**RESUMEN.** Este estudio tiene como objetivo llevar a cabo una revisión integradora de los artículos nacionales e internacionales sobre el tema de la transición a la paternidad publicados entre 2006 y 2014. Hemos consultado las bases de datos EBSCO, PsycINFO, SciELO regional y PePSIC, dando como resultado 25 artículos indexados, que fueron analizados en relación con el año de publicación, país, metodología, el tema y los resultados. Los resultados fueron agrupados en cuatro grandes grupos, titulado: "el padre mismo", "el padre, la madre y el bebé", "el padre y la red de apoyo formal" y "el padre, el trabajo y la sociedad". En el grupo "el padre mismo", hay una experiencia de la paternidad como una revolución interna, acompañada por una intensa sobrecarga emocional, ambivalencia, soledad y idealización de la relación padre-hijo. En el grupo "el padre, la madre y el bebé" se percibe una intensa transformación en la vida conyugal, donde el padre tiende a ser más activo en relación con el bebé, pero moduladas por la presencia materna. En el grupo "el padre, el trabajo y la sociedad", vemos la falta de preparación de los profesionales para hacer frente a las demandas de los padres, y la ausencia de políticas sociales y de salud para la relación padre-hijo. En el grupo "padre, el trabajo y la sociedad", destacamos el uso de las redes informales de apoyo y la aparición de patrones horizontales de identificación paterna. Las tendencias y las lagunas en la investigación actual se discutieron en el campo de la transición a la paternidad, hacia el establecimiento de un nuevo padre.

**Palabras-clave:** Paternidad, revisión de literatura, contemporaneidad.

---

## Introdução

Dentre as transformações por que passa a sociedade ocidental contemporânea, destacamos aquelas que se referem à estrutura familiar. A noção de família estendida, composta por pais, filhos, tios, primos e avós em convivência mais estreita, já não se sustenta na contemporaneidade. Além das mudanças estruturais nas configurações familiares, os papéis que cada membro exerce dentro da dinâmica familiar estão em profunda transformação (Genesoni & Tallandini, 2009). Há que se considerar que concepções sobre a conjugalidade, paternidade e maternidade, bem com as práticas que lhe são decorrentes, são moduladas tanto pelas experiências afetivas de cada indivíduo como por expectativas culturais e sociais, formando um amálgama muitas vezes contraditório, mas certamente polissêmico (Fägerskiöld, 2008). Parece não haver mais um padrão ou modelo a ser seguido, mas papéis e identidades múltiplas que se justapõem e se intercambiam, ainda em processo de constituição.

As mudanças culturais e sociais, iniciadas no século XX, dentre elas o feminismo e a consequente inserção da mulher no mercado de trabalho, a globalização do mercado e das informações e a defesa política da igualdade de gêneros, criam novas expectativas quanto ao papel do pai, antes encarregado do sustento financeiro do lar (Eerola & Huttunen, 2011). Hoje se espera do pai um maior envolvimento afetivo e efetivo com seus filhos, o qual passa a compartilhar as tarefas domésticas e o cuidado infantil e a dividir-se entre as demandas do lar e do trabalho, delineando-se toda uma "cultura do pai" (Pleck, 2004). Observa-se também o surgimento de estudos sobre "o novo pai" que buscam redefinir o papel atual do pai na família e no mundo, partindo do pressuposto de que o mundo, as sociedades, as famílias e, conseqüentemente, os pais estão em processo de complexa reelaboração de identidades e condutas, a partir da qual surgirão formas diferenciadas de exercício e experiência da paternidade (Krob, Piccinini, & Silva, 2009).

Embora a parentalidade se organize como construção social, admitindo variações culturais, observa-se um núcleo de cuidados comuns que parece se manter, tais como o cuidado físico do bebê, o fornecimento de um suporte afetivo e a provisão econômica à família, enquanto a figura parental que vai se ocupar dessas funções pode variar (Pleck, 2004; Fägerskiöld, 2008). Tomando a provisão econômica da família como exemplo desta oscilação, observamos famílias que se organizam em torno da figura paterna como único provedor financeiro, outras em que a mãe desempenha esta função, e ainda a situação em que a provisão material é compartilhada pelo casal.

No que se refere aos estudos sobre a paternidade, diante da demanda social de participação efetiva e afetiva do homem na família, reaproximando-o do cuidado diário com os filhos (Pleck, 2004), observa-se um aumento de pesquisas a partir da década de 80. Entretanto, o que observamos na clínica é que tais transformações no exercício da paternidade sofrem um atraso em relação à velocidade com que estas mudanças são socialmente esperadas e veiculadas na academia e nas diversas mídias de comunicação.

Ainda no âmbito das pesquisas sobre a paternidade, observamos um hiato no que se refere ao tema da transição para a paternidade (Krob et al., 2009), enquanto é vasta a literatura científica sobre a transição para a maternidade. Tradicionalmente relegado a um papel secundário, o pai só seria efetivamente percebido pelo bebê meses depois de seu nascimento, o que justificaria uma maior ênfase dos estudos na relação inicial mãe-bebê. Entretanto, estudos recentes apontam que o bebê desde muito cedo percebe a presença paterna como diferente da materna e que sua presença como sujeito ativo na relação com o bebê abre maiores possibilidades de saúde mental para os filhos (McKenzie & Carter, 2013). Bornholdt, Wagner e Staut (2007) sugerem que uma satisfatória transição para a paternidade promove o fortalecimento do vínculo com a esposa e, conseqüentemente, do suporte dado a ela, condição que poderíamos chamar de pai suficientemente bom, em analogia à mãe suficientemente boa de Winnicott (1948/1993).

Estudar o processo pelo qual o homem se torna pai hoje é essencial, haja vista as implicações familiares e sociais que derivam destas transformações; sobretudo, as transformações pessoais que são próprias da condição paterna, suas alegrias e angústias ao longo da profunda mudança em suas funções. Dar voz a estes pais de primeira viagem, permite que repensemos as práticas de cuidado infantil, mas também o apoio da rede familiar ou social oferecido (ou não) aos pais na contemporaneidade.

Diante da relevância que o tema da paternidade alcança neste momento de desconstrução do modelo tradicional e proposição de novas configurações familiares, o presente estudo propõe uma revisão integrativa (Mendes, Silveira, & Galvão, 2008) da literatura internacional e nacional sobre a transição para a paternidade, possibilitando uma aproximação compreensiva e rigorosa sobre o que vem sendo produzido no campo da pesquisa científica.

## Método

Optamos pelo uso da revisão integrativa pelo fato desta modalidade se apoiar em critérios rigorosos para a seleção dos artigos, incluindo tanto estudos empíricos quanto teóricos, a fim de compreender um determinado fenômeno, a partir de estudos anteriores, ampliando a visão do leitor sobre determinado campo de pesquisa. Além disso, este tipo de revisão propicia uma aproximação ao “estado da arte” da pesquisa científica sobre um determinado tema, apontando tendências atuais e hiatos que podem se mostrar férteis para estudos futuros. Esta revisão abarcou publicações científicas produzidas entre janeiro de 2006 e maio de 2014.

Em relação à literatura internacional foram consultadas as bases de dados EBSCO e PsycINFO, utilizando como descritores ‘transition to fatherhood’, ‘fatherhood’, ‘fathering’ e ‘first-time fathers’, os quais foram cruzados um a um, resultando em um banco de dados. Embora tais descritores sejam consagrados nas bases de dados internacionais, o mesmo não acontece no Brasil. Na consulta às bases SciELO Regional e PEPSIC, foi utilizado somente o descritor ‘paternidade’, uma vez que, dentre os termos listados, no Portal da Biblioteca Virtual em Saúde, não havia qualquer descritor que se referisse à transição para a paternidade, o que nos levou a uma segunda busca por artigos a partir da leitura dos resumos dos trabalhos já levantados.

Quanto aos critérios de inclusão, foram selecionados artigos publicados em revistas indexadas e revisadas por pares que fossem redigidas em inglês, português ou espanhol e artigos que estudassem pais e mães primíparos em relação estável heterossexual, sem filhos de relacionamentos anteriores. Finalmente, foram selecionados artigos que focalizassem a experiência paterna desde o início da gravidez da mulher até pelo menos um ano de vida do bebê.

Quanto aos critérios de exclusão, foram descartados os editoriais, livros, capítulos de livro, dissertações e teses, bem como os artigos publicados em periódicos pagos. Também foram desconsiderados artigos que se relacionavam a pais adotivos ou que apenas tangenciasse o tema da transição para a paternidade, ocupando-se de outras questões.

O levantamento nas bases de dados ocorreu em maio de 2014, tendo sido encontrados 125 artigos na EBSCO, 299 na PsycINFO, totalizando 424 artigos advindos de bases internacionais. Na SciELO Regional foram encontrados 119 artigos e na PEPSIC 32 artigos, totalizando 151 artigos nacionais. Desse total, muitos artigos foram excluídos em função de seu foco temático, como os componentes

biológicos da paternidade, estresse pós-traumático dos pais, atendimentos clínicos, famílias múltiplas, problemas do pai com a justiça e encarceramento, autismo, doença mental do pai, atendimentos clínicos diversos, separação dos pais, e paternidade e Direito. Também foram excluídos os artigos repetidos, isto é, encontrados em mais de uma base de dados.

Aplicados os critérios de exclusão, restaram 25 artigos, sendo 14 publicados em periódicos internacionais e 11 advindos da literatura nacional, os quais foram lidos e analisados em profundidade, buscando-se destacar os pontos principais apontados pela literatura, bem como elaborar uma reflexão crítica sobre os mesmos, de modo a contribuir para o avanço do conhecimento científico na área da transição para a paternidade.

## Resultados

Quanto ao ano de publicação, percebemos uma maior concentração de publicações nas revistas internacionais nos anos de 2008 (quatro artigos), 2009 (três artigos) e 2011 (quatro artigos). Já nas revistas nacionais, a maior concentração de publicações se deu no ano de 2009 (quatro artigos).

Em relação ao país de origem dos pesquisadores e instituição de pertinência, percebemos que no tema da transição para a paternidade há uma maior concentração de pesquisas publicadas na Grã-Bretanha, Estados Unidos, Austrália, Suécia e Finlândia. Já no Brasil, em termos de localização geográfica, há uma quase exclusividade de publicações de pesquisadores do Sul do País, com predominância de pesquisas gestadas na Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Uma exceção foi o estudo realizado pela PUC-RS em parceria com a Faculdade São Judas Tadeu (SP). Destacamos que alguns artigos foram escritos em colaboração de autores de mais de um país ou Instituição de Ensino Superior, o que explica o maior número de pesquisadores, se comparado ao número de pesquisas.

Dentre as revistas internacionais, destacam-se a *Scandinavian Journal of Caring Sciences*, com três artigos publicados e a *Fathering*, com dois artigos publicados sobre transição para a paternidade. A *Scandinavian Journal of Caring Sciences* tem como foco estudos ligados ao cuidado, seja do paciente, da família ou da comunidade, dando destaque para pesquisas que promovam interdisciplinaridade. Já a *Fathering* tem como escopo a pesquisa, teoria e prática do homem enquanto pai, sendo a transição para a paternidade um dos temas de seu interesse.

Nas revistas nacionais, três periódicos se destacam: *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, *Psicologia: Teoria e Prática*, e *Psicologia: Reflexão e Crítica*, com dois artigos publicados em cada uma delas, sendo o restante das publicações pulverizado dentre os demais periódicos.

Quanto à metodologia empregada nas pesquisas, é perceptível tanto a nível nacional quanto internacional, uma maior produção de artigos de cunho qualitativo, chegando a pouco mais da metade das publicações avaliadas no Brasil (sete artigos) e metade na literatura internacional (sete artigos). A abordagem quantitativa embasa a produção de artigos envolvendo populações mais numerosas, fundamental para levantamentos sócio demográficos. A preferência pela abordagem qualitativa pode estar associada ao objetivo de dar voz aos próprios pais para compreender a experiência paterna, tornando-a polissêmica.

Dentre os estudos qualitativos, oito deles utilizaram a gravação em áudio das entrevistas e posterior transcrição das falas sob a forma de narrativas. A maioria dos estudos lançou mão de uma questão disparadora para iniciar o contato, geralmente no enquadre de entrevistas semiestruturadas.

Quanto às amostras, a idade dos pais variou de 16 a 48 anos, com maior concentração entre 20 e 40 anos de idade. Em relação aos artigos internacionais, o número de participantes dos estudos de cunho qualitativo variou de 9 a 20 pais, enquanto nas duas pesquisas quantitativas, as amostras foram de 115 e 827 pais. Quanto aos artigos nacionais, o número de participantes variou de 4 a 20 pais, o que pode ser atribuído ao fato de serem todos estudos qualitativos ou mistos, situação que se repete nos periódicos internacionais.

Em relação ao período de obtenção dos dados, percebemos que, na literatura internacional, há uma tendência à realização de uma ou duas entrevistas com os participantes, sendo a primeira realizada no final da gravidez ou após o parto e a segunda após o parto (de 3 a 9 meses). O estudo de Thomas, Bonér e Hildingsson (2011) realiza a primeira entrevista atrelada ao primeiro ultrassom,

sendo mais duas entrevistas efetuadas, uma ao final do terceiro trimestre de gestação e outra dois meses após o parto. Já nos artigos nacionais predomina a opção por uma única entrevista, no final da gravidez ou nos primeiros meses de vida do bebê. Entretanto, Krob et al. (2009) propõem a realização de dois encontros com o pai, sendo um ao final do 3º trimestre da gravidez e outro no 2º mês após o parto, enquanto no estudo de Levandowsky, Picinnini & Lopes (2009) foram realizados 4 encontros com pais adolescentes homens: no 3º trimestre da gravidez, no 3º mês após o parto, ao final do 1º ano de vida da criança e, finalmente, quando a criança completava dois anos de idade.

Quanto ao método de análise de dados, há uma diferença significativa entre os artigos nacionais e internacionais. Nestes, observamos diversas abordagens, como a estatística descritiva (Thomas, Bonér & Hildingsson, 2011; Habib & Lancaster, 2006; Halle et al., 2008), a análise de conteúdo (Deave & Johnson, 2008; Höfner, Schadler, & Richter, 2011), os métodos comparativos baseados na Teoria Fundamentada, ou *Grounded Theory* (Fägerskiöld, 2008; Sansiriphun et al., 2010), os métodos fenomenológicos (Premberg, Hellström, & Berg, 2008) e a análise narrativa (Eerola & Huttunen, 2011). Em todos os estudos nacionais, é adotada a análise de conteúdo, sejam eles de abordagem qualitativa ou quantitativa. Dentre estes, destaca-se o estudo de Gonçalves, Guimarães, Silva, Lopes e Picinnini (2013) ao se utilizar de um software (NVivo) para proceder à análise de conteúdo.

Na literatura internacional, observa-se um elemento ausente dos artigos brasileiros: a validação posterior. Nos estudos de Deave e Johnson (2008) e de Premberg et al. (2008), alguns dos participantes são contatados, após a finalização dos resultados, a fim de verificar se as conclusões dos pesquisadores correspondiam às narrativas dos pais participantes. Já o estudo de Sansiriphun et al. (2010) recorre à participação posterior de quatro experts na Teoria fundamentada para obter a validação do processo de análise. Em suma, fica clara a necessidade de complementar e confrontar a interpretação do pesquisador, propondo a triangulação dos dados (Stake, 2011) com o auxílio dos próprios participantes ou de consultores externos.

Há ainda uma outra peculiaridade a ressaltar. Apesar de dois estudos internacionais referirem a participação das companheiras durante a pesquisa (Deave & Johnson, 2008; Höfner et al., 2011), nenhum deles se utiliza das narrativas femininas em seus resultados finais, excluindo assim um elemento importante e integrador da transição para a paternidade. Embora este recorte metodológico que exclui da amostra a perspectiva feminina sobre o processo de paternidade possa se justificar pelos objetivos de cada estudo, notamos que o enfoque da paternidade enquanto experiência solitária acaba reproduzindo o modo como a experiência materna vem sendo abordada no campo da pesquisa.

## Discussão

Apresentaremos os aspectos da transição para a paternidade abordados e discutidos nos artigos consultados, com o objetivo de apontar tendências da pesquisa atual sobre a paternidade no cenário nacional e internacional. Destacamos que nosso objetivo é realizar uma síntese qualitativa dos resultados obtidos por esta revisão, agrupando-os, para efeito didático, em quatro grandes campos, segundo o foco das investigações:

- a. *o pai consigo mesmo*, que se refere a estudos que exploram as experiências e sentimentos pessoais relativos à transição para a paternidade, por meio de narrativas paternas;
- b. *o pai, a mãe e o bebê*, onde são focalizados aspectos relacionais, tais como a relação pai-bebê, mãe-bebê, pai-mãe e mãe-pai-bebê;
- c. *o pai e a rede de apoio formal*, onde é destacada a relação do pai com redes formais de suporte profissional, incluindo as políticas públicas e médicas na assistência à paternidade;
- d. *o pai, o trabalho e a sociedade*, aludindo a estudos sobre as relações do homem com o trabalho, com outros pais homens ou com sua família de origem.

No campo “o pai consigo mesmo”, há uma prevalência de estudos que destacam a gravidez como um evento transformador na vida, semelhante a uma revolução interna (Deave & Johnson, 2008; Fägerskiöld, 2008; Premberg, Hellström, & Berg, 2008). São destacados os aspectos angustiantes desta vivência, onde o homem tende a se sentir sobrecarregado emocionalmente (Bornholdt, Wagner & Staudt, 2007; Krob, Picinnini & Silva, 2009), pois a mudança que se impõe com a gravidez é

irreversível. Por outro lado, os pais destacam sentimentos de completude ao imaginar o bebê antes do nascimento e o cuidado do mesmo após o parto (Bornholdt et al., 2007; Premberg et al., 2008). Os estudos sugerem que esta ambivalência paterna acompanha toda a gravidez e o período pós-parto (Krob et al., 2009), muitas vezes trazendo um sentimento de crescimento pessoal, maturidade e sensibilidade como consequências da transição para a paternidade (Eerola & Huttunen, 2011). Dois artigos em especial destacam a dificuldade do pai em expressar pensamentos por ele considerado como negativos, sendo eles pais de crianças comuns (Gonçalves et al., 2013), ou pais de crianças com necessidades especiais (Henn & Sifuentes, 2012), assinalando uma cobrança de ordem social sobre o pai no sentido do ocultamento de seus medos e dificuldades e da adoção de uma postura de maior firmeza e segurança, o que permitiria à mulher um ambiente confiável para expressar dificuldades de ordem prática ou afetiva.

Este posicionamento sugere um alinhamento com a perspectiva winnicottiana sobre o papel do pai ser o de propiciar um ambiente seguro para o desenvolvimento da relação mãe-bebê, de forma a que a mãe e a criança sintam a proteção do pai, que ficaria como suporte afetivo da mãe e como provedor das necessidades concretas da dupla mãe-bebê. Como um pai que demonstra sua insegurança, medos e ambivalência poderia fornecer esse tipo de suporte? Sendo um pai suficientemente bom, ou seja, aquele que propicia cuidados à mãe e ao bebê, sem a pretensão de ser um pai perfeito, na medida em que ele também estará mais vulnerável a instabilidades emocionais, uma vez que participa efetivamente do cuidado, que é físico e emocional ao mesmo tempo.

Todavia, lembramos com Ferreira e Aiello-Vaisberg (2006) que as afirmações de Winnicott refletiam o pensamento dominante de sua época, quando os papéis masculino e feminino eram dissociados e complementares, sendo necessário repensar estas afirmações à luz das transformações contemporâneas, sob o risco de tomar a teoria como dogma, e não como conhecimento provisório.

Outro elemento interessante apontado é o sentimento de irrealidade do pai em relação ao bebê durante a gravidez (Genesoni & Tallandini, 2009), o que muitas vezes pode ser minimizado ou superado com a realização do ultrassom que torna o bebê mais palpável para o novo pai (Picinnini, Levandowski, Gomes, Lindemeyer, & Lopes, 2009), já que ele não experimenta as mudanças corporais da gravidez. Por outro lado, o estudo de Gonçalves et al. (2013) apontam para uma idealização da relação pai-bebê, descrevendo que os aspectos negativos da paternidade são menos ou quase nunca narrados pelos pais, cuja tendência é destacar os aspectos positivos. Esta dupla perspectiva em relação à gravidez – a mulher partindo de importantes alterações corporais, e o homem a partir da observação das transformações femininas nos auxilia a entender por que, para o pai, o bebê “chega mais tarde”. Poderíamos dizer que o pai está menos apto ao cuidado do bebê por estar mais sujeito a questões de ordem social e psicológica, enquanto o biológico marcaria a experiência materna? Ou o modo com que cada membro do casal gesta emocionalmente o filho depende de um complexo conjunto de fatores que não se restringe ao biológico? Este descompasso na percepção e aceitação da realidade do bebê também é constatado na transição para a paternidade em pais adolescentes, conforme apontam os estudos de Levandowski, Piccinini e Lopes (2009) e de Levandowski e Picinnini (2006).

Dentre os artigos selecionados, alguns estudos apontam para o sentimento de solidão paterno (Höfner et al., 2011), cuja expressão costuma ser manifesta somente por ocasião do parto, embora possa ser rastreado, ao longo da gravidez, nas consultas e intercorrências médicas (Genesoni & Tallandini, 2009). No parto, o pai tende a perder sua função (Chin, Hall & Daiches, 2011), já que grande parte dos sistemas de saúde encontram-se centrados nos cuidados com a mãe e com o bebê (Fägerskiöld, 2008; Thomas et al., 2011; Genesoni & Tallandini, 2009; Halle et al., 2008; Picinnini, Silva, Gonçalves, Lopes, & Tudge, 2012). Muitos homens narram o momento em que estão no centro cirúrgico como o mais angustiante de toda a gravidez (Genesoni & Tallandini, 2009). O pai tende a se sentir desamparado, aprofundando o mesmo sentimento de solidão que experimenta à medida que se desenvolve a relação mãe-bebê.

Vale ressaltar o destaque que um dos artigos teóricos (Palkovitz & Palm, 2009) dá para a existência de gatilhos dentro do processo de transição para a paternidade, destacando que essa se desenvolve ao longo do desenvolvimento do bebê e posteriormente da criança, sendo o que

nomeamos como “transição para a paternidade” apenas uma primeira etapa de transformações que acompanham o homem em seu caminho rumo à paternidade.

Há ainda neste campo dois aspectos a serem destacados. Percebe-se uma sobrecarga emocional do pai no papel de provedor econômico da casa (Chin et al., 2011), por ter de dar conta das demandas às quais fica sujeito, dentro e fora de casa, o que exige dele uma dedicação quase total à vida da esposa e do bebê, ocasionando uma mudança no seu próprio self e nas relações conjugais (Chin et al., 2011) e um crescimento do pai em seu envolvimento parental (Eerola & Huttunen, 2011). A isto se soma o desafio de cuidar de si mesmo apesar da paternidade (Premberg et al., 2008), como se o pai tivesse de renunciar aos próprios interesses, incluindo o autocuidado e a vida social, em prol da família. Não caberia aqui questionar a possibilidade de integração da vida familiar com sua vida pessoal? Ou um pai afetivamente envolvido teria necessariamente de abrir mão de sua vida pessoal em favor do cuidado dos filhos?

O campo “o pai, a mãe e o bebê” compreende estudos sobre a interação dos componentes da nova família. Segundo Habib (2012), a relação conjugal é a variável mais estudada no campo da transição para a paternidade, talvez por ser aquela que mais se transforma diante da chegada do bebê. Dentre as mudanças conjugais referidas pelos participantes, está a redução da vida sexual do casal (Chin et al., 2011; Genesoni & Tallandini, 2009), que tende a se prolongar desde a gravidez até os primeiros meses após o parto. Vale destacar que, na literatura nacional, não encontramos referências à vida sexual do casal, sendo mencionadas a preocupação paterna com a esposa e o bebê (Krob et al., 2009) e a percepção de que a vida conjugal se modificou (Jager & Bottoli, 2011).

Como alguns artigos nos apontam, o homem é ativo na construção de sua relação com o bebê (Jager & Bottoli, 2011); porém, este processo de aproximação costuma ser modulado pela mãe (Genesoni & Tallandini, 2009; Halle et al., 2008; Eerola & Huttunen, 2011; Picinnini et al., 2009; Gonçalves et al., 2013). A ambivalência da mãe frente à relação pai-bebê é frequentemente expressa nesta modulação: se o pai é mais ausente, a mãe cobra sua presença e participação; por outro lado, se o pai tem um vínculo forte com o bebê e é participativo tende a ser menosprezado pela mãe, que o considera inadequado ou excessivo. De um modo ou de outro, a mãe controla o desenvolvimento da relação pai-bebê, como uma “guardiã do portal” (Eerola & Huttunen, 2011, p. 220) que ora permite a aproximação paterna, ora a impede. Nesse sentido, presume-se uma associação entre a atitude da mãe e os sentimentos de exclusão ou de intrusão expressos pelo pai no processo de aproximação e vinculação com o seu filho(a).

Este papel exercido pela mãe nos relembra uma das postulações freudianas sobre a necessidade de alguém que exerça uma capacidade de para-excitação para o recém-nascido, restringindo a chegada dos estímulos ao bebê, antes que ele possa absorvê-los, reduzindo os efeitos traumáticos do ambiente externo sobre o desenvolvimento infantil. Supomos que a questão que se apresenta não seja a da validade desta modulação exercida pela mãe, necessária ao bebê; o que podemos questionar é se esta capacidade não acaba sendo afetada pela ambivalência materna, dificultando ou retardando o desenvolvimento da relação pai-bebê.

Por outro lado, como aponta o estudo de Fägerskiöld (2008), é comum que a mãe pouco perceba as necessidades paternas, possivelmente por estar mais concentrada em sua relação com o bebê, situação que pode desencadear o sentimento paterno de exclusão, referido em vários artigos. Além disso, a literatura aponta para a centralidade da mulher e de sua visão sobre o homem na constituição da paternidade, uma vez que o modo como ela vive e expressa seus sentimentos sobre a relação pai-bebê poderá auxiliar ou criar obstáculos ao companheiro na construção de sua identidade paterna.

Em alguns estudos consultados, encontramos a concepção paterna de que a tarefa de cuidar do bebê deve ficar exclusiva ou predominantemente a cargo da mãe (Chin et al., 2011; Eerola & Huttunen, 2011; Höfner et al., 2011; Bornholdt et al., 2007; Gonçalves et al., 2013). O argumento apresentado pelos pais participantes diz respeito ao aparato biológico de que a mãe dispõe e que a coloca em posição de atender às necessidades do bebê, isto é, ela pôde gestar o bebê dentro de si, tem condições fisiológicas de amamentá-lo, além de contar com um suposto “instinto materno” ou “sensibilidade” como ferramentas básicas para o cuidado infantil. De acordo com esta visão, o pai teria a função de mero auxiliar da mãe, cujas habilidades seriam inatas, sendo-lhe, portanto, possível ensinar a arte do cuidado ao companheiro. Tal ideologia deixa de lado a ideia segundo a qual a



maternidade e a paternidade seriam constituídas na relação de cada um com sua história pessoal, com os valores culturais e sociais da sociedade em que vive (Staudt & Wagner, 2008).

Alguns autores reconhecem o surgimento de um novo pai na contemporaneidade, que busca ser mais presente e participativo, investindo em seu relacionamento com o bebê e com a parceira (Premberg et al., 2008; Sansiriphun et al., 2010; Chin et al., 2011; Genesoni & Tallandini, 2009; Habib & Lancaster, 2006; Eerola & Huttunen, 2011; Bornholdt, et al., 2007; Gonçalves et al., 2013). Em um dos estudos, encontramos uma expressão interessante que faz referência ao novo pai como o “provedor acessível” (Chin et al., 2011, p. 13), aquele que permanece no papel de provedor, cuidando do sustento e da segurança da família, mas que também é sensível e acessível, envolvendo-se afetivamente com o bebê e a companheira. Entretanto, este pai busca formas próprias de envolvimento com seu bebê, cujas características se diferenciam da relação mãe-bebê (Premberg et al., 2008; Piccinini et al., 2009).

Nesse sentido, o pai não é um simulacro da mãe (Gonçalves et al., 2013), e cabe a ele construir novas formas de relacionamento com o(a) filho(a). A literatura corrobora esta ideia quando destaca, por exemplo, que a mãe prefere cuidar do bebê pequeno e manter uma rotina controlada. Em suma, a participação do pai é vista como essencial ao desenvolvimento físico e emocional do bebê (Fägerskiöld, 2008).

Se de um lado, há a percepção de um maior envolvimento paterno, de outro o estudo de Palkovitz e Palm (2009) aponta para a necessidade de ampliação das políticas públicas dos Estados Unidos no que se refere à paternidade. Se a interferência governamental torna-se fundamental para o estímulo das práticas de cuidado paterno, somos levados a crer que o propagado envolvimento afetivo do novo pai não corresponde ao que se observa na prática.

Outro elemento do cuidado paterno salientado em diversos artigos é o fato do pai desempenhar o papel de protetor do bebê desde a gestação. Embora a literatura sobre a transição para a paternidade comumente aponte esta característica, é interessante notar um desdobramento deste tipo de cuidado para a relação que o pai estabelece com a mãe (Sansiriphun, 2010). Sensível às alterações impostas à mãe pela chegada do bebê, o pai passaria a se ocupar de seu relacionamento com a companheira, bem como da rotina da casa (Jager & Bottoli, 2011), de modo a não sobrecarregá-la. Destacamos, portanto, a preservação de um relacionamento conjugal que não esteja unicamente marcado pela relação de ambos com o filho, o que pode fortalecer o casal no enfrentamento da ambivalência parental e das mudanças conjugais a que estão submetidos.

O campo de estudos sobre “O pai e a rede de apoio formal” se detém sobre a falta de preparo profissional e carência de serviços de assistência ao pai durante a gravidez e o pós-parto, o que amplia os sentimentos de exclusão do pai que vê todo o cuidado centralizado na capacitação da mãe para a recepção e cuidados do recém-nascido. Muitos pais se queixam da falta de informações durante a gravidez (Deave & Johnson, 2008) e sua decorrente inabilidade como cuidador, o que poderia ser minimizado por grupos de apoio a pais e pelo suporte da equipe de saúde (Thomas et al., 2011). Destaca-se ainda a necessidade dos pais serem ouvidos (Bornholdt et al., 2007) e de serem desenvolvidos serviços de apoio psicológico ao pai como medida preventiva; quando isto não ocorre na rede formal de apoio, por despreparo dos profissionais (Fägerskiöld, 2008; Halle et al., 2008), o pai passa a buscar este acolhimento junto a amigos e familiares. Premberg et al. (2008) enfatizam a necessidade de que profissionais de saúde atentem para a singularidade de cada gênero, podendo acompanhar os homens na transição para a paternidade. Alguns estudos apontam para a importância de se repensar políticas públicas e sociais estritamente focadas na relação mãe-bebê (Thomas et al., 2011; Palkovitz & Palm, 2009), sugerindo sua ampliação para o atendimento das demandas paternas. Cabe aqui ressaltar que este tipo de reflexão está presente apenas em estudos estrangeiros, sendo ainda pouco explorado no campo da pesquisa nacional.

No grupo “o pai, o trabalho e a sociedade”, a ênfase dos trabalhos recai sobre a busca de novos modelos de paternidade. Há uma intensa movimentação no imaginário social sobre o que é ser um bom pai (Piccinini et al., 2012), modelos que ainda não estão consolidados, mas em franca transição (Souza & Benetti, 2009). Em suma, o exercício da paternidade está sendo redefinido, superando o antigo modelo hegemônico. Novos padrões estão sendo buscados por meio da troca de experiências com outros pais (Chin et al., 2011), que vivenciam as mesmas transformações (Höfner et al., 2011),

criando-se assim uma rede informal de apoio. O pai traz a necessidade de expressão e compartilhamento com outros pais, possibilitando a formação de um modelo híbrido de paternidade a partir de seus referenciais de vida, dos modelos culturalmente predominantes, e também pelo uso dos chamados modelos horizontais de paternidade, onde a identidade paterna se constitui principalmente pelos processos de identificação com pais de sua própria geração, ao invés da identificação predominante com seu próprio pai.

É também mencionada a influência do modelo paterno trazido da infância daqueles que se tornam pais, levando-os a repensar e integrar os aspectos positivos e negativos da antiga relação com seu próprio pai (Krob et al., 2009). Como a paternidade está em processo de redefinição (Picinnini et al., 2009), podemos supor uma nova estruturação da relação do pai com os próprios pais, agora avós.

Em relação ao trabalho formal, muitos pais descreveram uma grande dificuldade de retornar ao trabalho, argumentando estar perdendo o contato mais próximo com o bebê e deixando de acompanhar de perto o seu desenvolvimento. Outros referem um sentimento de culpa pela intensa dedicação ao trabalho, sentindo-se excluídos do cotidiano familiar, embora conscientes da necessidade de retornar ao trabalho (Finn & Henwood, 2009). Alguns autores argumentam que, apesar do discurso atual sobre o novo pai, este se sente pressionado pela demanda financeira a assumir o papel tradicional de provedor, o que aumenta o hiato entre o discurso e as práticas atuais no campo da paternidade.

Destacamos também, principalmente nos artigos internacionais (Fägerskiöld, 2008), a temática da renúncia do pai à vida de solteiro como um fator desencadeador do sentimento de ambivalência paterna. Espera-se do pai que renuncie às suas necessidades pessoais e passe a se preocupar unicamente com sua família, compensando a perda de liberdade com os ganhos afetivos provenientes de um contato mais estreito com a companheira e o bebê.

## Considerações finais

Embora os artigos selecionados apresentem objetivos, métodos, análise e conclusões próprias, enriquecendo e problematizando o campo da pesquisa sobre a transição para a paternidade, gostaríamos de fazer alguns assinalamentos a partir desta proposta de síntese integrativa da literatura científica na área da paternidade.

Alguns autores não deixam sua perspectiva teórica evidente ao longo de seu relato, acumulando os resultados sem uma teoria sobre o desenvolvimento humano como base que sustente seu método ou que interprete seus achados, o que permitiria dialogar com a própria teoria, questionando-a, inclusive. Em uma outra perspectiva, vemos artigos que parecem trazer em seu bojo a crença na possibilidade de que uma teoria única ou grande teoria unificadora, daria conta do fenômeno investigado, como se diferentes recortes metodológicos não dessem origem a fenômenos diversos que por sua vez seriam acessados por métodos igualmente distintos.

Sabemos que a transição para a paternidade é um processo multidimensional complexo e único (Mckenzie & Carter, 2013) e, portanto, dificilmente apreensível por um único estudo. Por essa razão, é comum que as pesquisas nesta área enfatizem apenas uma ou duas dimensões de um fenômeno que é multideterminado, o que traz o risco de tomar a parte pelo todo, sem um olhar mais integrador sobre o fenômeno de constituição da paternidade. Como exemplo, podemos destacar aqueles trabalhos em que a dimensão socioeconômica não parece ter sido considerada como elemento participante do processo de transição para a paternidade, dando primazia à dimensão interna e emocional da experiência paterna.

Outro achado importante se deu em relação à metodologia de análise dos dados. Na literatura internacional, encontramos diversas formas de análise qualitativa, sendo que a quantitativa ficou restrita à estatística descritiva. Já na literatura nacional, ficou patente o uso prioritário da análise de conteúdo para análise dos dados, a despeito da existência de outros métodos qualitativos que permitem a análise criteriosa e científica, manifestando talvez uma preferência dos pesquisadores brasileiros.

Convém destacar que a transição para a paternidade se dá neste intrincado processo que compreende aspectos internos, relacionais, conjugais e sociais. Quanto às vivências emocionais do pai, ao longo da transição para a paternidade, sua intensidade opera profundas transformações no modo de ver a si mesmo e o mundo que o cerca. Talvez um dos grandes desafios que o homem enfrenta, à semelhança do que se passa com a mulher, seja o de integrar os diferentes aspectos de uma personalidade que se torna cada vez mais complexa para atender as demandas da contemporaneidade.

Outro aspecto a abordar é a modulação exercida pela mãe na relação pai-bebê. Ajudá-la a perceber as necessidades do pai e a incentivar o desenvolvimento de uma relação pai-bebê mais profunda podem ser o caminho para mitigar a ambivalência materna e, conseqüentemente o sofrimento, além de facilitar o resgate da relação conjugal.

Há um importante hiato a ser considerado no que diz respeito às políticas públicas voltadas ao pai no desempenho de suas funções. Havemos que repensar a formação dos profissionais de saúde e a carência de dispositivos que levem em conta as necessidades paternas na gravidez, parto e pós-parto, inclusive do ponto de vista do desenvolvimento infantil.

Este estudo de revisão também aponta para a ampliação da rede informal de apoio ao pai, constituída por amigos, colegas e familiares, destacando-se os modelos de identificação horizontal que passam a se articular com o modelo tradicional, transmitido verticalmente. Em contrapartida, apesar do discurso acerca do “novo pai”, uma forte pressão econômica e social tem levado o pai a ocupar o lugar tradicional de provedor da casa, o que denota flutuações nas expectativas sociais sobre o jovem pai.

Quanto às possíveis limitações desta revisão, destacamos que a seleção dos artigos não pretendeu abarcar a ampla gama de pesquisas sobre a transição para a paternidade, tendo sido necessário, por questões de recorte metodológico, desconsiderar aqueles estudos que se referiam a populações com características diferenciadas e sobre novas configurações familiares. Portanto, generalizar esta discussão a todos os pais que estão vivendo a transição para a paternidade, seja em um contexto de precariedade social ou na presença de alguma patologia, como exemplos de pesquisas excluídas desta revisão, seria temerário e ingênuo.

Para concluir, esta revisão teve a função de sinalizar um novo campo de pesquisa em Psicologia, o qual se alinha às demandas sociais contemporâneas, no sentido da constituição de um novo pai. Em um cenário em que necessidades individuais são priorizadas e estimuladas pela alta competitividade no mercado de trabalho e pelas rápidas mudanças propostas pela tecnologia tem sido um desafio compor arranjos familiares que deem conta de necessidades pessoais, conjugais e sociais que se organizem em torno das demandas da infância e seu longo desenvolvimento.

## Referências

- Bornholdt, E. A., Wagner, A., & Staudt, A. C. P. (2007). A Vivência da gravidez do primeiro filho à luz da perspectiva paterna. *Psicologia Clínica*, 19(1), 75-92.
- Chin, R., Hall, P., & Daiches, A. (2011). Fathers' experiences of their transition to fatherhood: a metasynthesis. *Journal of Reproductive and Infant Psychology*, 29(1), 4-18.
- Deave, T. & Johnson, D. (2008). The transition to fatherhood: what does it mean for fathers? *Journal of Advanced Nursing*, 63(6), 626-633.
- Eerola, J. P. & Huttunen, J. (2011). Metanarrative of the “New Father” and narratives of the Young Finnish first-time fathers. *Fathering*, 9(3), 211-231.
- Fägerskiöld, A. (2008). A change in life as experienced by first time fathers. *Scandinavian Journal of Caring Sciences*, 22, 64-71.
- Ferreira, M. C. & Aiello-Vaisberg, T. M. J. (2006). O pai ‘suficientemente bom’: algumas considerações sobre o cuidado na psicanálise winnicottiana. *Mudanças – Psicologia da Saúde*, 14(2), 136-142.
- Genesoni, L. & Tallandini, M. A. (2009). Men's psychological transition to fatherhood: an analysis of the literature, 1989-2008. *Birth*, 36(4), 305-318.
- Gonçalves, T. R., Guimarães, L. E., Silva, M. R., Lopes, R. C. S., & Piccinini, C. A. (2013). Experiência de paternidade aos três meses do bebê. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 26(3), 599-608.
- Habib, C. & Lancaster, S. (2006). The transition to fatherhood: identity and bonding in early pregnancy. *Fathering*, 4(3), 235-253.
- Habib, C. (2012). The transition to fatherhood: a literature review exploring paternal involvement with identity theory. *Journal of Family Studies*, 18(2/3), 103,120.

- Höfner, C., Schadler, C., & Richter, R. (2011). When men become fathers: men's identity at the transition to fatherhood. *Journal of Comparative Family Studies*, 42(5).
- Halle, C., Dowd, T., Fowler, C., Rissel, K., Henessy, K., MacNevin, R., & Nelson, M. A. (2008). Supporting fathers in the transition to fatherhood. *Contemporary Nurse*, 31(1), 57-70.
- Henn, C. G. & Sifuentes, M. (2012). Paternidade no contexto das necessidades especiais: revisão sistemática de literatura. *Paideia*, 22(51), 131-139.
- Jager, M. E. & Bottoli, C. (2011). Paternidade: vivência do primeiro filho e mudanças familiares. *Psicologia, Teoria e Prática*, 13(1), 141-153.
- Krob, A. D., Piccinini, C. A., & Silva, M. R. (2009). A transição para a paternidade: da gestação ao segundo mês de vida do bebê. *Psicologia USP*, 20(2), 269-291.
- Levandowski, D. C. & Picinnini, C. A. (2006). Expectativas e sentimentos em relação à paternidade entre adolescentes e adultos. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 22(1), 17-28.
- Levandowski, D. C., Piccinini, C. A. & Lopes, R. C. S. (2009). O Processo de separação-indivuação em adolescentes do sexo masculino na transição para a paternidade. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 22(3), 353-361.
- Mendes, K. D. S., Silveira, R. C. C. P., & Galvão, C. M. (2008). Revisão integrativa: Método de pesquisa para a incorporação de evidências na saúde e na enfermagem. *Texto e Contexto em Enfermagem*, 17(4), 758-764.
- Mckenzie, S. K. & Carter, K. (2013). Does transition into parenthood lead to changes in mental health? Findings from three waves of a population based panel study. *J Epidemiol Community Health*, 67, 339-345.
- Palkovitz, R. & Palm, G. (2009). Transitions within fathering. *Fathering*, 7(1), 3-22.
- Piccinini, C. A., Silva, M. R., Gonçalves, T. R., Lopes, R. C. S., & Tudge, J. (2012). Envolvimento paterno aos três meses de vida do bebê. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 28(3), 303-314.
- Piccinini, C. A., Levandowski, D. C., Gomes, A. G., Lindenmeyer, D. & Lopes, R. S. (2009). Expectativas e sentimentos de pais em relação ao bebê durante a gestação. *Estudos de Psicologia*, 26(3), 373-382.
- Pleck, J. H. (2004). Paternal Involvement by U.S. residential fathers. Leaves, sources and consequences. In M. E. Lamb (Org.). *The Role of the Father in Child Development* (pp. 222-272). New York: John Wiley.
- Premberg, A., Hellström, A. L., & Berg, M. (2008). Experiences of the first year as father. *Scandinavian Journal of Caring Sciences*, 22(1), 56-63.
- Sansiriphun, N., Kantaruksa, K., Klunklin, A., Baosuang, C., & Jordan, P. (2010). Thai Men becoming a first-time father. *Nursing and Health Sciences*, 12(4), 403-409.
- Souza, C. L. C. & Benetti, S. P. C. (2009). Paternidade contemporânea: levantamento da produção acadêmica no período de 2000 a 2007. *Paideia*, 19(42), 97-106.
- Stake, R. E. (2011). Pesquisa qualitativa: estudando como as coisas funcionam. Porto Alegre: Penso.
- Staudt, A. C. P. & Wagner, A. (2008). Paternidade em tempos de mudança. *Psicologia: Teoria e Prática*, 10(1), 174-185.
- Thomas, J. E., Bonér, A. K., & Hildingsson, I. (2011). Fathering in the first few months. *Scandinavian Journal of Caring Sciences*, 25, 499-509.
- Winnicott, D. W. (1993). Pediatria e Psiquiatria. In D. W. Winnicott. *Da Pediatria à Psicanálise* (pp. 287-311). Rio de Janeiro: Francisco Alves. (Original publicado em 1948).

Recebido em 19/11/2015  
Aceito em 21/05/2016

Cleber José Aló de Moraes: Doutorando em Psicologia como Ciência e Profissão. Bolsista CAPES.

Tania Mara Marques Granato: Doutora em Psicologia Clínica pelo Instituto de Psicologia da USP. Pós Doutorado sobre o uso de narrativas interativas na investigação do imaginário coletivo sobre a maternidade. Docente e Orientadora do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC-Campinas).